

ARQUEOLOGIA DA PSICOLOGIA E EXISTENCIAL- HUMANISMO EM FOUCAULT: REARTICULAÇÕES E POSSIBILIDADES

Fernando de Almeida Silveira¹

RESUMO: Michel Foucault investigou os discursos da Psicologia enquanto emergências epistêmicas do pensamento moderno, as quais deram origem às ciências humanas em geral. Esta pesquisa teve por objetivo examinar a ordem do discurso foucaultiano sobre a Psicologia em sua fase arqueológica, focalizando seus artigos *Filosofia e Psicologia* (1965) e *A Psicologia de 1850 a 1950* (1957), relevando a questão do existencial-humanismo em Foucault. Foucault destaca que a prática psicológica a conduziu ao abandono do positivismo e à inclusão das descontinuidades existenciais e ontológicas do sujeito psicológico, em seu arcabouço discursivo. Porém, tal deslocamento epistêmico pode provocar, ao máximo, efeitos discursivos de esquiva da ambiguidade coextensiva à existência humana e, em seus limites, efeitos de transposição e de travestismo desta ambiguidade, sob as vestes ilusoriamente renovadas de tais novos arranjos discursivos existenciais-humanistas.

PALAVRAS-CHAVE: Foucault; Psicologia Humanista; Epistemologia; Subjetivação.

ABSTRACT: Michel Foucault investigates the discourses of Psychology as epistemic emergences in modern thought, which has produced the human sciences in general. This research investigates Foucault's order of discourse on Psychology in his archaeological phase, focusing on his articles *Philosophy and Psychology* (1965) and *Psychology from 1850 to 1950* (1957), highlighting the issue of existential-humanism in Foucault. Foucault emphasizes that psychological practice led to the abandonment of positivism and the inclusion of existential and ontological discontinuities of psychological subject, in its discursive framework. However, this epistemic displacement can cause, to the fullest, discursive effects of a degree of coextensive ambiguity to the human existence and its limits, the effects of transposition and transvestism from this ambiguity, in the guise of such renewed illusory new discursive existential-humanistic arrangements.

KEYWORDS: Foucault; humanistic psychology; epistemology; subjectivation.

Em seu artigo *Resposta a Uma Questão* (1968), ao discorrer sobre as características dos seus estudos sobre a produção dos discursos na História do Pensamento Ocidental — desenvolvidos na década de sessenta em livros, tais como, *História da Loucura* (1961), *As Palavras e as Coisas* (1966) e *Arqueologia do Saber* (1969) —, Foucault (1968) esclarece que seu trabalho é uma tentativa de introduzir “a diversidade dos sistemas e o jogo das descontinuidades na história dos discursos” (p. 67).

Para tanto, Foucault intenciona investigar a pluralidade dos sistemas de discursos do senso comum, dos saberes pré-científicos e da ciência propriamente dita, em suas evoluções descontínuas e imbricações multifacetadas, em uma abordagem arqueológica complexa, que não só investiga a individualização de cada discurso, saber ou ciência historicamente situada, mas intenciona, segundo o próprio Foucault, um estudo “mais enigmático” (p. 58), conforme os exemplos a seguir:

Quando se fala da psiquiatria, ou da medicina, da gramática, da biologia, ou da economia, de que se fala? Que são estas curiosas unidades que se acredita poder reconhecer ao primeiro olhar, mas em relação às quais ficaríamos bem embaraçados para definir os limites? Unidades entre as quais algumas parecem remontar ao fundo de nossa história (a medicina não menos que as matemáticas), enquanto que outras apareceram recentemente (a economia, a psiquiatria), e outras, talvez, desapareceram (a casuística). Unidades aonde vêm se inscrever indefinidamente enunciados novos e que se encontram sempre modificadas por eles (estranha unidade da sociologia ou da psicologia que

desde seu nascimento não pararam de recomeçar)
(FOUCAULT, 1968, p. 58).

Ou seja, compreendemos que o que está em jogo na questão da formação dos discursos para Foucault é a sua suspeita, que questiona a emergência histórica de cada unidade discursiva enquanto um sistema de saber fechado e naturalizadamente evidente. Em contrapartida, Foucault passa, então, a analisá-los em seus jogos de produção enviesados e, muitas vezes, mutuamente inter-relacionados, só discerníveis a partir da pesquisa de amplos momentos históricos, muitas vezes de difícil elucidação global pelo sujeito cognoscente, em determinado “aqui-agora” da História da Humanidade.

Nas palavras de Foucault (1968), “eu estudei, cada um a sua vez, conjuntos de discursos; eu os caracterizei; eu defini jogos de regras, transformações, limiares, mudanças; eu os compus entre si, eu descrevi feixes de relações” (p. 61).

Aliás, é importante ressaltar que, para Foucault, a constituição dos referidos feixes de relações, entre os variados discursos de determinada época, pressupõe a compreensão de que a sua decorrente *epistémè* não seja considerada feito a “soma de seus conhecimentos, ou estilo geral de pesquisas, mas o afastamento, as distâncias, as oposições, as diferenças, as relações de seus múltiplos discursos científicos” (Foucault, 1968, p. 60). De tal forma que a *epistémè* de uma época não é nem “a soma de seus conhecimentos, ou o estilo geral de suas pesquisas” (Foucault, 1968, p. 60), nem uma “espécie de grande teoria subjacente” (p. 60), ou a grande e única história contínua das ciências, mas

sim, “um espaço de dispersão, é um campo aberto e, sem dúvida, indefinidamente descritível de relações” (p. 60), no qual a Psicologia ocupa espaço com sua historicidade própria, em constante mutação.

Por sua vez, é possível reconhecer, na diversidade dos saberes estudados por Foucault, a Psicologia enquanto uma das singulares unidades de discursos historicamente situados, que demandam um estudo atento para o reconhecimento de sua específica individualização, conforme propomos realizar, através deste trabalho sobre Foucault.

Devido à importância da Psicologia em Foucault, este trabalho investiga a ordem do discurso foucaultiano sobre a Psicologia enquanto emergência epistêmica do pensamento moderno, produtor das ciências humanas em geral, em sua fase arqueológica, nos seus artigos *Filosofia e Psicologista* e *A Psicologia de 1850 a 1950*.

Desta forma, estudaremos a noção de Psicologia (como também e simultaneamente, em sentido amplo, os saberes psis em geral, com destaque a Psicanálise e a Psiquiatria), na arqueologia de Foucault, em sua entrevista, redigida sob a forma de artigo, *Filosofia e Psicologia* (1965) e em *A Psicologia de 1850 a 1950* (1957).

Neste horizonte temático, será feita a arqueologia de vários ramos dos saberes psis, tanto no contexto multifacetado desta cartografia dos discursos psicológicos, efetuada por Foucault, quanto na conclusão.

Destaca-se, a partir da apresentação deste mosaico epistêmico, a investigação mais detida sobre a compreensão de Foucault

sobre a Psicologia Existencial-Humanista, principalmente nos artigos estudados em questão.

A PSICOLOGIA ENQUANTO FORMA CULTURAL

Na entrevista televisiva *Filosofia e Psicologia* (1965), Foucault esclarece qual é a sua concepção sobre o campo epistemológico da Psicologia, seja em relação à filosofia, seja na dinâmica interna dos saberes que a constituem. Trata-se de texto bem elucidativo, na medida em que a multiplicidade dos saberes psicológicos — psicologia, psiquiatria, psicanálise — é abordada muitas vezes de maneira difusa nos seus outros trabalhos, tanto anteriores como posteriores.

Nessa entrevista, Foucault considera desnecessário definir a psicologia como ciência, mas prefere reconhecê-la enquanto “forma cultural”. Ela se inscreveria, enquanto fenômeno cultural do pensamento ocidental, em correlação aos discursos da “confissão, a casuística, os diálogos, os discursos, os arrazoados que se podiam pronunciar em certos ambientes na Idade Média, nas cortes de amor, ou ainda nos salões do preciosismo do século XVII” (FOUCAULT, 2002b, p. 220).

Partindo do pressuposto de que a filosofia é “a forma cultural mais geral do Ocidente” (FOUCAULT, 2002b, p. 220), Foucault ressalta que tanto a psicologia, desde o século XIX, como as ciências humanas em geral, estão entrelaçadas com a filosofia.

No que se refere aos estudos da alma e do pensamento, Foucault destaca que análise feita pela filosofia de tais enunciados,

se revestia de certo obscurantismo e vacuidade, de forma a considerar legítimo que as ciências humanas se apropriem da referida investigação da alma e do pensamento, mal investigada pela filosofia. Neste sentido, Foucault diz que “as ciências humanas ocupariam, com todo direito, esse domínio um pouco vago que fora assinalado, mas abandonado como um terreno inculto pela filosofia” (FOUCAULT, 2002b p. 221), através de um “modo claro, lúcido e positivo” (FOUCAULT, 2002b, p. 221).

O que está em jogo é a transposição de uma análise ontológica e obscura da filosofia da alma para outra perspectiva filosófica, apropriada pelas ciências humanas (no que nos interessa, a psicologia), que seria uma abordagem científica e positivista das questões do psiquismo, em coerência com o projeto antropológico das ciências da finitude do homem.

Em contrapartida, é este positivismo filosófico dos assuntos da alma que permite que a filosofia se torne uma forma cultural entrelaçada às ciências do homem. Segundo Foucault, “a filosofia se torna a forma cultural no interior da qual todas as ciências do homem em geral são possíveis” (FOUCAULT, 2002b, p. 221).

A partir deste rearranjo epistêmico e em torno do século XVIII, a Psicologia emergiria enquanto “ciência da alma, ou como ciência da consciência, ou ainda como ciência do indivíduo” (FOUCAULT, 2002b, p. 222), em oposição às ciências da ordem fisiológica ou à sociologia, enquanto ciência da coletividade e do grupo.

Todavia, a grande reorganização (não só dos saberes psicológicos, mas das ciências humanas em geral) ocorreria, para Foucault,

ao redor da noção de inconsciente de Freud, que invalidaria a concepção clássica da psicologia enquanto ciência da consciência e do indivíduo.

É neste contexto que Foucault reconhece que a psicanálise “é uma forma de psicologia que se acrescenta à psicologia da consciência, que duplica a psicologia da consciência como uma camada suplementar, que seria a do inconsciente” (FOUCAULT, 2002b, p. 223).

Este é um dos momentos em que se verifica que, em termos genéricos, Foucault irá considerar a variedade das disciplinas *psi* enquanto formas de psicologia, o que é importante para a definição dos patamares das psicologias na arqueologia foucaultiana. E ainda esclarece que, em torno da noção de inconsciente, se aglutinam discursos que não se restringiriam à problemática propriamente psicológica, na medida em que o enunciado do inconsciente do homem se irradiaria enquanto objeto de estudo para os mais diversos ramos do saber, dentre eles, a fisiologia, através da reintrodução do problema do corpo na somatização dos processos psicológicos inconscientes, o que questiona a velha distinção entre corpo e alma.

Isso se dá, com especial destaque, no âmbito do inconsciente social da sociologia e no inconsciente cultural dos povos, na antropologia, ao que se pode acrescentar também o inconsciente dos movimentos históricos na história.

É o que Foucault já sinalizava na década de sessenta, ao apontar que “a simples descoberta do inconsciente não seja uma adição de domínios, não seja uma extensão da psicologia, é realmente o confisco, pela psicologia, da maioria dos domínios que cobriam as ciências humanas, de tal forma que se pode

dizer que, a partir de Freud, todas as ciências humanas se tornaram, de um modo ou de outro, ciências da *psyché*” (FOUCAULT, 2002b, p. 223).

Isto não excluiria o fato de que algumas áreas da psicologia seriam preservadas dos efeitos de se tornarem, nos seus desenvolvimentos positivos, em psicologia das relações do inconsciente ou em uma psicologia das relações da consciência com o inconsciente, como é o caso de áreas da psicologia experimental e fisiológica, as quais, segundo Foucault, preservaram nos últimos cinquenta anos (referentes à época da escrita deste artigo: 1965), um distanciamento dos preceitos da psicanálise freudiana. É o que Foucault exemplifica ao apresentar a persistência dos estudos comportamentais das leis da memória (FOUCAULT, 2002b, p. 228), isentos da influência da noção de inconsciente de Freud.

Isto nos leva a citar, sob um enfoque mais amplo, o sintético texto no qual Foucault aponta a dinâmica do corpo, da alma e do inconsciente enquanto grades de especificação dos saberes modernos. Ele diz que, doravante, desde o período histórico de emergência do enunciado freudiano do inconsciente e sua decorrente irradiação — não só para campos de discursos mas para visibilidades, dentre elas, nossos corpos — “o corpo faz parte de nossa *psyché*, ou faz parte dessa experiência ao mesmo tempo consciente e inconsciente à qual a psicologia se endereça, de tal forma que, atualmente, no fundo, só há psicologia” (FOUCAULT, 2002b, p. 223). Nas palavras de Badiou, que o entrevistava, vivemos, desde então, num “totalitarismo psicológico” (FOUCAULT, 2002b, p. 223).

Deste processo, derivaria a invenção do inconsciente de Freud, presente, no homem em geral como em cada um de nós, enquanto “coisa” que nos atravessa e nos constitui. Surgiria daí a reação de toda a psicologia moderna a este processo de coisificação da *psyché* (dentre eles, Merleau-Ponty), o que, por outro lado, permitiria a existência da psicologia, mesmo que fosse enquanto crítica aos seus fundamentos.

O que se tem, por sua vez, é a edificação da psicologia de Freud enquanto análise interpretativa, através de uma hermenêutica na qual se busca “descobrir, em um único momento, o que quer dizer a mensagem, e quais são as leis pelas quais a mensagem quer dizer o que ela quer dizer”. É assim que o inconsciente se torna “portador não apenas do que ele diz, mas da chave do que ele diz” (FOUCAULT, 2002b p. 225). Ou seja, a psicologia se torna uma decifração, pois a chave da compreensão da mensagem se encontra no próprio inconsciente e não no intérprete, ao contrário da decifração, na qual o hermenêuta possui a chave de revelação da verdade escondida. Como resultado, o inconsciente emerge, simultaneamente, enquanto coisa psicológica e enquanto objeto-texto na decifração de toda a realidade, desde um texto literatura até a linguagem de um louco.

A partir deste processo de decifração, Foucault destaca que a psicologia é o conhecimento das estruturas da *psyché*, em imbricação com a terapêutica que dela decorre. Assim, inevitavelmente, no processo terapêutico, estaria implicada a norma da diagnose da cura, enquanto resultado advindo da decifração dos sintomas, inerentes ao inconsciente do sujeito ou, talvez, de toda uma sociedade. Foucault acha impossível dissociar a psicologia de uma normatividade terapêutica, ao distinguir os diferentes

limiares dos saberes psicológicos, o que nos permite visualizar os enredamentos e correlações dos saberes psicológicos na produção da interface entre normatização e terapêutica, conforme a seguir:

A psicologia é talvez, na verdade, assim como a própria filosofia, uma medicina e uma terapêutica, é certamente uma medicina e uma terapêutica. E não é porque, sob suas formas as mais positivas, a psicologia se encontre dissociada em duas subciências, que seriam psicologia e pedagogia, por exemplo, ou psicopatologia ou psiquiatria, que esta dissociação em dois momentos igualmente isolados seja algo mais do que o sinal de que, de fato, é necessário reuni-las. Toda psicologia é uma pedagogia, toda decifração é uma terapêutica, não se pode saber sem transformar (FOUCAULT, 2002b p. 227).

Ou seja, para Foucault, a partir do termo genérico de psicologia derivaria seu caráter médico e terapêutico, produzidos na dinâmica de sua prática. Por sua vez, outras subciências surgiriam deste campo discursivo amplo, dentre elas, a psicologia propriamente dita, como distinta da pedagogia, da psicopatologia e da psiquiatria. Estas diferenciações simples são de importância capital na disposição das formas psicológicas, principalmente quando estudamos a questão da arqueologia da loucura, conforme faremos a seguir.

A TOPOLOGIA DAS DISCIPLINAS PSICOLÓGICAS

Em *A Psicologia de 1850 a 1950* (1957), um dos seus artigos seminais, Foucault faz a arqueologia dos diversos ramos da Psicologia.

A inspiração iluminista da psicologia do século XIX, em sua temática humanista, teria levado o psicólogo a investigar a natureza do homem e, por extensão, as leis que a regem; e também, em contraponto à visibilidade da natureza humana, os fenômenos naturais em geral.

Conforme já vimos, o intuito de matematização da psicologia a remetia a métodos de “relações quantitativas, elaboração de leis que se apresentam como funções matemáticas, colocação de hipóteses explicativas” (FOUCAULT, 2002a, p. 133), ou seja, à aplicação de um modelo experimental e quantitativo para a explicação dos fenômenos da natureza humana.

É nesse seu ideal de cientificidade que a psicologia se apresenta, também, enquanto norma para outras ciências. É assim que “a psicologia genética constitui-se como o quadro de toda pedagogia possível e a psicopatologia ofereceu-se como reflexão sobre a prática psiquiátrica” (FOUCAULT, 2002a, p. 134).

Este tipo de abordagem levou o pesquisador a estabelecer parâmetros de rigor, precisão e de objetividade quase matemática no contexto de uma psicologia renovada, que, segundo Foucault, “ao descobrir um novo *status* do homem, ela se impôs, como ciência, um novo estilo” (FOUCAULT, 2002a, p. 134), projetado na aplicação de métodos científicos em suas práticas, seja no contexto da educação, da medicina mental, da organização de grupos.

Em função desse novo arranjo epistêmico, a pretensa ciência psicológica vai-se alojar no limite discursivo no qual as questões da alma apresentam suas contradições e limites, problematizando as manifestações negativas e descontínuas do sujeito humano.

É assim que a Psicologia da contradição e do negativo do humano vai tomar forma, de maneira que “a psicologia do desenvolvimento nasceu como uma reflexão sobre as interrupções do desenvolvimento; a psicologia da adaptação, como uma análise dos fenômenos de inadaptação; a da memória, da consciência, do sentimento surgiu, primeiro, como uma psicologia do esquecimento, do inconsciente e das perturbações afetivas” (FOUCAULT, 2002a p. 134).

Assim, se socialmente a Psicologia se apresenta como a psicologia do normal, do adaptativo, do organizado, ela é, em sua origem, “uma análise do anormal, do patológico, do conflituoso, uma reflexão das contradições do homem consigo mesmo” (FOUCAULT, 2002a p. 135). Por sua vez, no seu escopo de explicar racionalmente o fenômeno psíquico, a psicologia se apropria de, pelo menos, três modelos de investigação.

O primeiro deles, segundo Foucault, é o modelo físico-químico, aplicado pelas psicologias da associação e da análise elementar, as quais se baseiam na fundamentação das leis gerais dos fatos psíquicos, através da redução de fenômenos complexos a unidades elementares simples.

Neste contexto, essas unidades elementares do psiquismo serão investigadas como na análise química dos corpos, cuja decomposição em elementos reduziria a matéria, enquanto sede da percepção, à sua unidade inicial, a sensação. A partir da sensação, através de processos associativos e de agrupamento de séries desta unidade, ocorreria a emergência de fenômenos mentais mais complexos, como o sentimento e o pensamento.

O segundo modelo – o modelo orgânico — define o psiquismo por sua natureza biológica, abrindo um campo de análise, seja sobre os instintos humanos (Fechner), seja sobre sua atividade

nervosa (Wundt), seja sobre uma gama de emanções de corpo, dentre elas: prazer, dor, tendências, emoções e vontades (Bain).

Nas palavras de Foucault, esse modelo parte do pressuposto de que o psiquismo, tal como o organismo, “é caracterizado por sua espontaneidade, sua capacidade de adaptação e seus processos de regulação interna” (FOUCAULT, 2002a p. 136). Assim sendo, esse segundo modelo entrelaça o orgânico com o psíquico, recriando o campo da psicofisiologia.

Um terceiro modelo é o evolucionista. Esse modelo, de inspiração darwinista, parte do pressuposto de que o funcionamento psíquico se desenvolve de uma estrutura simples para uma complexa. Esse caráter mais complexo dá condições ao indivíduo de lidar com situações psicológicas mais instáveis e menos organizadas, o que permitiria um desenvolvimento mais elaborado das funções psíquicas (dentre elas a vontade, a memória, os sentimentos) na constituição estruturada de determinada personalidade. É nesse contexto que se dá a emergência deste campo de enunciados, que reconhece no sujeito do conhecimento uma estrutura natural, suscetível de evolução no transcurso da sua vida orgânica, interacional, social e verificável em suas etapas, seus contornos progressivos ou regressivos, o que permitirá, não apenas a compreensão das etapas de desenvolvimento do psiquismo humano, eventualmente naturalizadas pelo psicólogo desenvolvimentista, mas, primordialmente, a própria constituição das condições de possibilidade de emergência dos discursos da Psicologia do Desenvolvimento, na qual sujeito, objeto e pesquisador se constituem reciprocamente.

Ou seja, a própria noção de uma estrutura da natureza do sujeito psicológico, suscetível de desenvolvimento genético e

evolutivo, só se torna visível e, portanto, materializável nos corpos e almas dos sujeitos estudados, a partir de determinada evolução dos discursos da Psicologia, conforme o diagnóstico da arqueologia de Foucault.

Por outro lado, falhas na organização da estrutura psíquica dariam margem a problemas como alteração afetiva, amnésias, afasias, apraxias, dentre outras manifestações anormais.

Sob outro prisma, Foucault ressalta que a descoberta da noção de sentido abre margem para um amplo campo de análises psicológicas, seja no que se refere à expressão das condutas (Janet), seja no que se remete ao processo de conscientização do sujeito dos seus sentidos (Freud), seja no estudo da história pessoal que constitui estes referidos sentidos (Dilthey). Como também na explicação fenomenológica da dimensão do vivido, em Husserl e Merleau-Ponty, aplicável aos estudos psicológicos.

Com relação à psicanálise, Foucault aponta que Freud foi quem, na psicologia, deu mais importância à significação dos sentidos, afetada por suas “origens naturalistas e aos preconceitos metafísicos e morais, que não deixam de marcá-la” (FOUCAULT, 2002a, p. 141), em uma perspectiva evolucionista “spenceriana” do desenvolvimento afetivo, com seus estágios evolutivos avançados (normais) e regredidos (anormais), impregnados pelo moralismo vitoriano de sua época.

No entanto, Foucault reconhece que Freud foi o psicólogo que rompeu com a linearidade de uma análise causal naturalista dos fenômenos psíquicos, na medida em que os lançava em uma gênese das significações, oriunda na história do próprio sujeito, o que desnaturalizava seus sentidos, já que, a partir de então, tornavam-se mais afeitos ao meio cultural que o enreda

do que a certas interpretações organicistas e fisiológicas, por exemplo.

Desta maneira, rompendo com a dualidade da relação entre a conduta voluntária e involuntária, o intencional e o automático, o normal e o patológico, Freud introduz o referencial do sentido do indivíduo enquanto coextensividade da sua conduta.

Na passagem a seguir, Foucault expõe a inserção epistêmica da noção de sentido na psicanálise:

Ali mesmo onde ele [o sentido] não aparece, na incoerência do sonho, por exemplo, na absurdidade de um lapso, na interrupção de um jogo de palavras, ele também está presente mas de um modo oculto. E o próprio insensato é sempre uma astúcia do sentido, uma forma para o sentido vir à tona testemunhando contra ele próprio (FOUCAULT, 2002a p. 142).

Assim, Freud rompe com a hipotética dualidade entre o consciente e o inconsciente, mas os insere enquanto duas modalidades de uma mesma significação. Esta relação é desvelada na terapia, através da análise do sentido, inerente à conduta do indivíduo. Por sua vez, essa conduta se remete à história do sujeito, tanto individual como aquela referente à instância social que o atravessa. Nesta imbricação entre o sentido do indivíduo e a cultura, vê-se a emergência de determinada configuração das suas instâncias psíquicas (id, ego e superego), na produção de sintomas socialmente considerados como normais ou anormais, qualificadores do sujeito psicológico.

Sob outro enfoque correlato, Foucault agrupa tanto o behaviorismo como a Psicologia da Forma no contexto das

análises que visam objetivar a conduta do indivíduo. No primeiro caso, o comportamento é objetivado a partir da correlação entre estímulo e resposta; no segundo, pela delimitação de um campo fenomenal, composto a partir da correlação entre objetos e figuras.

Neste processo de objetivação das significações, todas as correntes psicológicas que estudam a evolução e gênese do sujeito psicológico são agrupadas para Foucault em uma mesma categoria. Assim, a psicologia do desenvolvimento de Piaget se comunica com Wallon na constituição de uma análise sobre os estágios evolutivos do indivíduo, seja do ponto de vista da maturação das estruturas biológicas, seja quanto aos efeitos do meio para o seu desenvolvimento.

Outros conjuntos, enumerados por Foucault, são categorizáveis sob o rótulo das performances e aptidões, no que se refere aos estudos dos testes psicológicos. Ou sob a designação da expressão e do caráter, presente, por exemplo, nos métodos projetivos de Rorschach. Ou, ainda, no que se refere às condutas e às instituições, na promoção das significações sociais do sujeito, as quais podem ser evidenciadas, por exemplo, tanto na psicanálise de Freud como no sociodrama de Moreno.

O que é importante ressaltar perante essa multiplicidade de conjuntos de linhas psicológicas é o limiar epistêmico, delineado neste processo de produção de significações objetivas sobre o fenômeno psicológico. É isso que Foucault nos aponta, ao considerar que essas significações se situam entre os dois tempos de uma oposição: “totalidade ou elemento; gênese inteligível ou evolução biológica; performance atual ou aptidão permanente e implícita; manifestações expressivas momentâneas

ou constância de um caráter latente; instituição social ou condutas individuais” (FOUCAULT, 2002a, p. 150)

É justamente o amplo contexto dessas bipolaridades de enunciados que levaram Foucault a indagar se a superação dos mesmos é o que deveria ser feito pela psicologia, com o intuito de dar conta das ambiguidades do psiquismo humano, o qual não se situa plenamente comportável na dinâmica objetivadora destes pólos, os quais, por sua vez só demonstrariam “a ambiguidade como marca do destino do homem” (FOUCAULT, 2002a, p. 150).

Isto, talvez, representaria para Foucault um desvio da psicologia no sentido de se tornar uma reflexão filosófica sobre o psiquismo humano, o que a liquidaria como ciência objetiva. Ou então um processo pelo qual as contradições humanas já não mais seriam suprimidas através da busca ilusória da plena objetivação das suas ambiguidades.

Nas palavras de Foucault, a psicologia mais atual “não mais busca provar sua possibilidade por sua existência, mas fundamentá-la a partir de sua essência, e ela não mais busca suprimir, nem mesmo atenuar suas contradições, mas sim justificá-las” (FOUCAULT, 2002a, p. 150). Neste sentido, tanto a cibernética, que deixaria espaço para as ambiguidades dos fenômenos psicológicos, como a análise humanista e antropológica da existência, nos trabalhos de Binswanger e Hunz, visariam à ultrapassagem do objetivismo no sentido de dar conta das manifestações ambíguas da *psyché*.

É interessante analisar a influência humanista-existencialista neste que é um dos primeiros artigos de Foucault sobre a psicologia. Este tipo de abordagem existencial fora considerada por ele como uma relevância “na liberdade fundamental de

uma existência que escapa, com todo o direito, à causalidade psicológica” (FOUCAULT, 2002a, p. 151). Este abandono do positivismo permitiria uma descrição das ambiguidades psíquicas em virtude da sua coextensividade com a existência humana, o que permitiria “levar a sério essas contradições”, através da “retomada do que há de mais humano no homem, quer dizer, sua história” (ibid, p. 151).

Em outras palavras, Foucault apresentaria, neste início de carreira, as temáticas existenciais-humanistas, sob a ótica da historicidade singular de cada indivíduo, como um tipo de arranjo discursivo no qual as contradições da Psicologia, desvalorizadas pelo positivismo científico, seriam elevadas ao *status* de questões centrais do saber psicológico, legitimando, inclusive, sua própria existência histórica.

EFEITOS SUBJETIVADORES DA PRODUÇÃO DISCURSIVA DO SUJEITO PSICOLÓGICO

No que se refere à entrevista-artigo *Filosofia e Psicologia*, interessa-nos ressaltar que a compreensão da Psicologia enquanto uma forma cultural, identificada a uma gama variada de discursos — dentre eles os da casuística dos diálogos dos salões do século XVII, os arrazoados das cortes de amor ou a confissão cristã — tais formações discursivas já trazem em seu bojo a tendência, acentuada em toda a sua carreira, de caracterizar os saberes psis dentro de um jogo contingencial de verdades que não se restringiriam ao contexto da dinâmica interna das ciências positivistas modernas.

Sob esta ótica, ressalta-se preliminarmente que Foucault denuncia a ilusória dualidade entre os processos de matematização da Psicologia e as análises de descrição fenomênica da experiência psicológica. No primeiro caso, acima teria-se uma Psicologia que se pretende ciência, com objeto definido, matematizável e purificado, nos moldes dos preceitos cartesianos; no segundo caso, a Psicologia emergiria historicamente feito saber que visa resgatar a dimensão fenomênica do sujeito enquanto presença no mundo, em sua perspectiva de inspiração humanista-fenomenológica.

Para Foucault, mais ao fundo desta ilusória dualidade, estaria o papel do epistemólogo em propiciar uma reflexão sobre as condições de possibilidade pelas quais o sujeito de saber se instaura na constituição do Pensamento Ocidental.

É o que temos, por exemplo, quando Foucault analisa os vários processos de constituição discursiva do sujeito da loucura, em *História da Loucura* (1961). Como também sobre a arqueologia das ciências no Ocidente, em seu decorrente processo de edificação moderna do homem enquanto sujeito e objeto de conhecimento, em *As Palavras e as Coisas* (1966). Aliás, diga-se de passagem, duas obras relativamente contemporâneas aos artigos aqui estudados, às quais compõem, em seu efeito de conjunto, a proposição do autor de estudar os relevos discursivos dos saberes ocidentais, em suas descontinuidades e interarticulações.

De tal forma que Foucault nos lança ao desvelamento dos fundamentos, tanto das psicologias pretensamente científicas, como também àquelas de cunho descritivo e fenomenológico.

Sob este mesmo caráter plural e radical, mas sob outra direção, ressurgirá, na década de setenta, esta feição epistêmica

multifacetada da Psicologia, por exemplo, em *História da Sexualidade — Vol. I*, obra através da qual Foucault situa a Psicanálise em correlação ao dispositivo confessional cristão.

Nestes exemplos, principalmente no artigo em questão, a vontade de dizer sobre o sujeito nos salões e confessionários desqualificaria o saber psicológico enquanto ciência, pois não visaria, historicamente, preencher os pressupostos cartesianos, inerentes à ciência moderna.

Ou seja, trata-se de um saber que, ao tratar das questões da existência da alma humana tem, pela natureza do objeto, um caráter movediço, já que não se assujeita ao processo científico de fixação de suas verdades — no caso da alma, a uma materialidade física concreta e, em toda a sua extensão, definível, empírica e universalmente, nos seus contornos, formas e causalidades.

Por sua vez, em *A Psicologia de 1850 a 1950*, embora Foucault faça a cartografia dos discursos psicológicos que investigam os aspectos existenciais da história do sujeito psicológico, já o vemos se encaminhar nestes artigos para o estudo da história do sujeito, não do ponto de vista existencial, mas sob a ótica da história dos discursos (inerente a esta fase arqueológica), a qual se desdobrará sobre a questão dos poderes e dos saberes, a partir de meados dos anos setenta, em sua fase genealógica. Aliás, detalharemos este enfoque, mais à frente.

No que se refere especificamente à Psicologia, Foucault nos aponta dois grandes encaminhamentos. Explicitamente, conforme apresentamos neste trabalho, ele questiona a noção da existência estrutural de um comportamento psicológico, em evolução e geneticamente investigável por etapas, seja na

complexidade orgânico-fisiológica do sujeito, seja no que se refere à potência construtiva das interações humanas, seja sob a influência dos arranjos sócio-históricos na edificação do sujeito psicossocial.

O que existe, na arqueologia de Foucault, é o primado dos discursos na constituição das materialidades dos corpos e das almas. Não existe exterioridade aos discursos e aos saberes, portanto, nem parte recôndita do corpo e da *psyché* que sustente, estruturalmente, enquanto ponto físico e concreto originariamente neutro, as pretensas hipóteses genéticas de certas áreas da Psicologia como, por exemplo, a Psicologia do Desenvolvimento. Ao contrário, são os discursos da Psicologia, nos seus embates históricos, que possibilitam o desenvolvimento dos fundamentos de cada um de seus ramos. Assim, os enunciados fundantes da Psicologia como um todo — dentre eles *gênese, comportamento, estrutura, evolução, interação, meio, ambiente, sociedade* e vários outros elencáveis na História deste campo da Psicologia — só manifestam seu sentido na medida em que ocultam os mecanismos epistêmico-discursivos que o fazem emergir, em seus efeitos constitutivos de corpos e almas.

Para Foucault, é o surgimento das ciências humanas, em seu escopo de medir e analisar a finitude do homem, que propiciará o surgimento do amplo campo de análise psicológica das estruturas, individuais e sociais, do desenvolvimento do psiquismo e, conseqüentemente, dos múltiplos sujeitos psicológicos da Psicologia, através dos seus enunciados constitutivos peculiares, dentre os quais, os de *personalidade, inconsciente, essência, ego*, por exemplo.

Desta maneira, no livro *As Palavras e as Coisas*, Foucault irá dizer que as ciências humanas se desprenderam do dogmatismo,

substituído pelo “sono antropológico”, concernente aos estudos da finitude do homem (FOUCAULT, 1966, p. 357). E, neste livro, ele denomina de “formas de reflexão canhestras e distorcidas” os estudos que “pretendem ainda falar do homem, de seu reino ou de sua liberação, a todos que formulam ainda questões sobre o que é o homem em sua essência, a todos os que pretendem partir dele para ter acesso à verdade” (ibid, p. 359).

É neste contexto que nos deparamos com outro encaminhamento de Foucault - no contexto dos artigos aqui estudados, cronologicamente anterior à publicação de *As Palavras e as Coisas* - que também afeta os estudos da Psicologia, no que se refere às questões de cunho exclusivamente ontológico-existencial, as quais partem do primado da presença do ser-no-mundo perante os enredamentos históricos de determinada sociedade.

É o que Foucault problematiza, visando, além do primado acima referido, apresentar a *epistémè* das abordagens existencialistas ao psicólogo, a qual não adere a uma concepção racionalista e positivista do sujeito a ser investigado e conhecido e que, hipoteticamente, poderá se remeter à análise do psiquismo a partir de uma perspectiva humanista-existencial, de cunho mais fenomenológico, tendo, como ponto de partida reflexiva, a referida questão do ser-no-mundo.

Nestes escritos do *jovem* Foucault, esta abordagem existencial-humanista seria uma alternativa ao positivismo, com sua concepção estrutural e fixa do comportamento humano. Ou seja, o resgate das peculiaridades da história e da percepção existencial do sujeito permitiria a inclusão das contradições humanas como objeto fundamental, enriquecedor da Psicologia, conforme apresentado neste trabalho.

Destaca-se que isto não se refere a um ponto de vista opinoso de Foucault, mas, sim, a um reconhecimento cartográfico dos arranjos discursivos da Psicologia, em seu processo evolutivo singular, conforme veremos no tópico a seguir.

RECONHECIMENTO E REVISÃO DO HUMANISMO-EXISTENCIALISMO EM FOUCAULT

No entanto, há que se ressaltar que este tipo de valorização do humanismo-existencialismo em Foucault só encontra singular ressonância em seus primeiros escritos do fim da década de cinquenta e começo dos anos sessenta, como os textos aqui estudados.

Aliás, irônica e crítica ressonância. De fato, trata-se mais de um desenho cartográfico de todos os relevos limítrofes da Psicologia do que, propriamente, uma exaltação do humanismo-existencialismo enquanto alternativa derradeira da Psicologia contemporânea.

Isto se esclarece na medida em que, neste mesmo texto, ao Foucault evocar as abordagens existenciais e a cibernética enquanto proposições discursivas para a ultrapassagem dos limites e impasses da Psicologia, ele resalta que tal possibilidade não sobrepuja a interrogação fundamental da Psicologia: a de se constituir, em sua historicidade, enquanto “psicologia ‘científica’ nascida das contradições encontradas pelo homem em sua prática” (FOUCAULT, 2002a p. 151), prática psicológica esta que conduziu o saber psicológico ao abandono do positivismo e à inclusão das descontinuidades existências e ontológicas do sujeito psicológico, em seu arcabouço discursivo.

Porém, esta inclusão não implicaria em uma solução pacificadora dos limites epistêmicos da Psicologia enquanto pretensa ciência.

Enfaticamente, Foucault considera que a apropriação da ciência psicológica das ambiguidades da existência humana não resolve, de fato, as contradições da Psicologia enquanto saber científico. Em suas palavras, “nem o esforço em direção à determinação de uma causalidade estatística, nem a reflexão antropológica sobre a existência podem ultrapassá-las [a ambiguidade coextensiva à existência humana, produtora tanto de objetivação, quanto ‘ontologização’ do sujeito psicológico]” (FOUCAULT, 2002a p. 151).

E Foucault destaca que, ao máximo, tais deslocamentos epistêmicos da Psicologia podem provocar efeitos discursivos de esquiva da referida ambiguidade. Ou, em seus limites, efeitos de transposição e de travestir a ambiguidade sob as vestes seguras de discursos que ilusoriamente a resolva, seja através do totalitarismo psicológico da objetivação cartesiana da existência humana; seja pela gama multifacetada dos processos descritivos da presença do ser em sua dimensão originária mundana, afeita ao campo das psicologias existenciais-humanistas.

Assim, nas transmutações que ocorrem em sua carreira, principalmente na sua arqueogenealogia, Foucault criticará enfaticamente tanto as abordagens aprioristicamente estruturais de compreensão da natureza do sujeito e do comportamento (conforme desnaturalizadas no transcurso de todo este artigo), como também as perspectivas fenomênico-existenciais da *psyché*, visto que estas últimas só surgiriam enquanto previsível e inevitável emergência epistêmica em contraposição aos discursos objetivadores do positivismo científico.

Ilustrativamente, é assim que Foucault criticara, por exemplo, em *As Palavras e as Coisas*, a fenomenologia de Merleau-Ponty. Nas palavras de Foucault, a fenomenologia “procura articular a objetividade possível de um conhecimento da natureza com a experiência originária que se esboça através do corpo; e articular a história possível de uma cultura com a espessura semântica que, há um tempo, se esconde e se mostra na experiência vivida” (FOUCAULT, 1966, p. 337).

Ora, para Foucault, a analítica do vivido não surge enquanto uma conciliação tardia entre o duplo empírico-transcendental, reconfigurado por ela, a partir da recombinação entre natureza e cultura, tendo o corpo enquanto suporte de uma experiência originária, fundante da percepção e da história do homem. Esta formulação discursiva seria contemporânea à emergência do postulado antropológico, o qual funda os estudos do homem sobre a sua finitude desde o advento da Modernidade, não se apresentando, assim, enquanto uma posição renovadora. Para Foucault, a grande questão a ser investigada é “se verdadeiramente o homem existe” (p. 338), indagação abordada não só em *As Palavras e as coisas*, como no conjunto de toda a sua obra.

Isso nos permite concluir que, nas suas topologias dos discursos psicológicos, o que se apresenta enquanto foco central de suas investigações, não seria nem propriamente a existência — sequer, da própria *psyché* — mas, sim, a emergência do homem na sua ambígua e singular discursividade moderna, nos últimos três ou quatro séculos, enquanto sujeito e objeto de conhecimento.

E sob outro enfoque correlato e específico, o surgimento do *homo psychologicus* na produção de nossos próprios corpos

e almas enquanto elementos incidentes, de incitação e de embate dos discursos — a partir deste advento historicamente situado — psicologizado.

NOTAS

¹ Pós-doutor em Filosofia. Doutor em Psicologia. Professor adjunto de Psicologia e Humanismo da Universidade Federal de São Paulo — Campus Baixada Santista. E-mail: fernandos.unifesp@gmail.com.

REFERÊNCIAS

DEFERT, D.; EWALD, F. (Org.). *Dits et écrits - IV*. Paris: Gallimard, 1994.

FOUCAULT, M. (1966). *As palavras e as coisas*. (7a ed.). São Paulo: Martins Fontes.

FOUCAULT, M. (1968). *Resposta a Uma Questão*. Tempo Brasileiro: 28, 57-81.

FOUCAULT, M. (1988). *História da sexualidade I: A vontade de saber* (11a ed.). Rio de Janeiro: Graal. (Trabalho original publicado em 1976).

FOUCAULT, M. (2002a). *A Psicologia de 1850 a 1950*. in *Problematização do sujeito: psicologia psiquiatria e psicanálise*. (2a

ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Trabalho original publicado em 1957).

FOUCAULT, M. (2002b). *Filosofia e Psicologia. in Problematização do sujeito: psicologia psiquiatria e psicanálise*. (2a ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Trabalho original publicado em 1965).